

Quinhentismo Literário Brasileiro ou Literatura Informativa. Informativa?

Rosa Maria M. Beloto*

DOI 10.5281/zenodo.10458863

Resumo:

A Literatura feita no Brasil no primeiro século de sua existência oficial, ou seja, no decorrer do século XVI, recebe os nome de Quinhentismo Literário, por ter sido produzida nos anos a partir de 1500, e de Literatura Informativa, por ser formada por um conjunto de documentos cujo objetivo principal, segundo seus estudiosos, é caracterizar o Brasil recém "descoberto" - sua terra, sua fauna, sua flora, seus habitantes - principalmente ao rei de Portugal. Por ser considerada meramente informativa, ela não tem merecido espaço significativo nas páginas das obras sobre Literatura Brasileira, ocupando, muitas vezes, um ou dois parágrafos apenas. O presente artigo pretende mostrar que, mais uma vez, "as aparências enganam" e levanta a dúvida levando em conta sua produção, a começar pela "certidão de nascimento do Brasil : a "Carta", de Pero Vaz de Caminha. Será que essa Literatura é mesmo meramente Informativa?

Palavras-chave: Brasil - riqueza - domínio - informação - persuasão

Abstract:

Literature made in Brazil in the first century of its official existence, that is, during the 16th century, is called Literary Quinhentismo, because it was produced in the years after 1500, and Informative Literature, because it was formed by a set of documents whose main objective, according to its scholars, is to characterize the recently "discovered" Brazil - its land, its fauna, its flora, its inhabitants - mainly to the king of Portugal. Because it is considered merely informative, it has not received significant space on the pages of works on Brazilian Literature, often occupying just one or two paragraphs. This article intends to show that, once again, "appearances can be deceiving" and raises doubts taking into account its production, starting with "Brazil's birth certificate: the "Letter", by Pero Vaz de Caminha. Could this Is Literature really merely Informational?

Key-words: Brazil - wealth - dominance - information - persuasion

*"Seu Cabral vinha navegando
Quando alguém logo foi gritando:
— Terra à vista!
Foi descoberto o Brasil
E a turma gritava:
— Bem-vindo, Seu Cabral!
(Escreve aí, ó Caminha,
Para o nosso querido rei,*

*Que a terra é linda e generosa
Que é gente muito bondosa).
Mas Cabral sentiu no peito*

*Rosa Maria Mijas Beloto é Mestra em Língua Portuguesa pela PUCSP, é escritora e Diretora de Pesquisa, Extensão e Publicações da UNIESP S/A. [Endereço para acessar este CV: http://lattes.cnpq.br/8783663040700525](http://lattes.cnpq.br/8783663040700525). E-mail: rosabe@uol.com.br

*Uma saudade sem jeito:
_Volto já prá Portugal.
Quero ir pela Varig!"*

("Single" de comercial da Varig de 1964, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uDmZvo51Gjg>, em 30 de dezembro de 2023)

O presente artigo é fruto da curiosidade causada pela pouca quantidade de informações que constam dos livros didáticos de Literatura Brasileira a respeito do primeiro período literário do país, denominado LITERATURA INFORMATIVA (Século XVI). Faltariam informações sobre a Literatura Informativa? A redundância que propositadamente usamos nessa pergunta nos leva a crer que sim. Por isso, pretendemos mostrar nesta pesquisa que, apesar de ocupar poucas páginas nos livros didáticos ou, até, às vezes, poucos parágrafos, tal literatura é de extrema importância para os estudos literários, não só porque consiste nos primeiros documentos históricos/literários escritos no país, mas também porque o adjetivo **INFORMATIVA** atribuído a ela mascara as intenções contidas nesses documentos, que revelam nas suas linhas e entrelinhas que o "achamento" do Brasil foi um verdadeiro "achado"!

Em sua "História Concisa da Literatura Brasileira"(1), Alfredo Bosi salienta que, embora a Literatura Informativa enquanto meramente um conjunto de informações sobre o Brasil recém descoberto, na opinião de muitos, não pertença à categoria do literário (na de José Veríssimo, por exemplo), essa literatura "**interessa como reflexo da visão de mundo e da linguagem que nos legaram os primeiros observadores do país**". (grifo nosso)

Tal período "pré-histórico" de nossas letras contém obras que dão ao brasileiro da atualidade a certeza de que algo deu errado na colonização do Brasil : afinal, onde estão as riquezas (sempre abundantes), as paisagens e os índios minuciosamente caracterizados nesses documentos ?

1. "Navegar é preciso, viver não é preciso".

*"Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
"Navegar é preciso, viver não é preciso"
Quero para mim o espírito dessa frase,
transformada a forma para casar com o que eu sou:
viver não é necessário; o que é necessário é criar"*
("Palavras de Pórtico", Fernando Pessoa)

Portugal, ao lado da Espanha, lidera as grandes navegações no final do século XV e pelo século XVI, sem dúvida, o episódio mais importante de toda a sua história, pois desde então os grandes feitos do peito ilustre lusitano da época, esplendorosamente cantado por Camões na sua epopéia "Os

Lusíadas", vêm sendo recantado, recontado e revivido no decorrer dessa história, principalmente nos seus momentos mais cruciais, em que se faz necessário dar uma "injeção de ânimo" no povo português: não é à toa que o nacionalismo e a tradição histórica consistem nos principais ingredientes das primeiras obras românticas produzidas no país, Romantismo esse que tem como obra que marca o seu início nada mais, nada menos, que "Camões", de Almeida Garret, exatamente no momento em que Portugal tenta renascer das cinzas resultantes da invasão das tropas napoleônicas ali ocorrida, tudo isso em pleno século XIX; não podemos nos esquecer também do que ocorreu no início deste século, do período que sucede a instauração da República em Portugal (1910), em que as páginas de glórias da história portuguesa - o período das grandes navegações - são lembradas num clima de saudosismo nas revistas literárias de caráter nacionalista, das quais a "Revista Águia" é o principal exemplo.

Navegar, portanto, é preciso sempre em Portugal: no sentido literal da palavra, nem tanto, mas "navegar" na lembrança tem sido uma constante na vida portuguesa, de Camões a Fernando Pessoa:

***"O Tejo tem grandes navios
E navega nele ainda
Para aqueles que vêm em tudo o que lá não está
A memória das naus."***

("O Rio da Minha Aldeia", canção de Tom Jobim para a poesia de Alberto Caeiro)

No século XVI, no entanto, navegar é preciso para abastecer o COMÉRCIO, a principal atividade econômica europeia de então. Na tentativa de chegar ao Oriente, os espanhóis, "contrariados por fortes ventos", chegam ao Ocidente, à América:

***"Pelo Tejo vai-se para o mundo
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram."***

("O Rio da Minha Aldeia", canção de Tom Jobim para a poesia de Alberto Caeiro)

Em 1500, também por terem sido desviados de sua rota "por fortes ventos", os portugueses chegam a um território novo depois de uma curiosa viagem: as 12 naus com mil e tantos homens navegam há semanas sem ver terra; os veteranos do mar não compreendem, pois não estão indo às Índias em busca de mercadorias - principalmente de especiarias - pela rota que Vasco da Gama acabara de descobrir, mas sim rumo ao Ocidente. No 44º dia, bóiam entre as ondas algumas algas marinhas e, no céu, há aves:

***"pero vas caminha
a descoberta
seguimos nosso caminho por este mar de longo
até as oitavas da páscoa.
Topamos aves
e houvemos vista de terra"***
(Oswald de Andrade)

A tripulação vê um monte alto que, por causa da data, chamam de Pascoal. Todos esperam para se aproximar da costa daquela Ilha de Vera Cruz, que não era uma ilha, mas um território maior - a Terra de Santa Cruz - que, na verdade, era quase um continente: Brasil. A palavra "Cruz" inclusa nos dois nomes primeiramente atribuídos ao Brasil já indica que os portugueses, assim como os espanhóis, são povos católicos.

Desde a "Tomada de Ceuta", as portas do Mediterrâneo estavam sendo abertas aos portugueses; no final do século XVI, Vasco da Gama chefia a expedição que abre as portas do Oceano Índico e, agora, a expedição de Pedro Álvares Cabral, as do Oceano Atlântico.

*"E ao imenso e possível oceano
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é português."
("Padrão", Fernando Pessoa)*

A partir de então, o território brasileiro é ocupado pelos portugueses segundo padrões impostos pela economia capitalista europeia. O local está repleto de produtos naturais raros, de "novidades" facilmente consumíveis e, portanto, lucrativas no mercado internacional. O habitante da terra causa "boas impressões". Todas essas "novidades" serão contadas e caracterizadas em documentos, cartas, mapas, etc., cujo conjunto recebe o nome de **LITERATURA INFORMATIVA**.

2. Quinhentismo Brasileiro ou Literatura Informativa:

Ao "Ciclo dos Descobrimientos" da Literatura Portuguesa do século XVI, definido por Fidelino de Figueiredo (2) como "conjunto de obras que têm por objeto os descobrimentos marítimos e as suas conseqüências morais e políticas", pertencem as primeiras manifestações literárias da Colônia Brasil.

Calcada em motivos solidamente políticos e econômicos, essas primeiras manifestações literárias brasileiras constituem-se, como já citado, de documentos, cartas e mapas que INFORMAM à Matriz (Portugal) dados acerca de fatos, coisas e homens da nova Colônia - daí a denominação LITERATURA INFORMATIVA; a essa "documentação" toda, junta-se a obra dos jesuítas, cuja missão principal é a de converter ao Cristianismo (catequizar) o habitante natural dessa colônia. Em suma, essa Literatura Informativa produzida no Brasil desde o descobrimento até o final do século XVI (daí também a denominação QUINHENTISMO BRASILEIRO) é um ramo da literatura de expansão ultramarina do Quinhentismo Português (como a Historiografia e a epopéia camoniana), já que consiste numa literatura de viajantes e de descobridores, em roteiros náuticos, em relatos de naufrágios, em descrições geográficas (fauna, flora, extensões territoriais) e sociais, em descrições dos selvagens, etc., essas duas últimas tendências consideradas as principais na opinião de Sílvio Romero (3).

Pertencem à série de autores dessa Literatura: Pero Vaz de Caminha, José de Anchieta, Manuel da Nóbrega, Bento Teixeira, Pero Magalhães Gândavo, Gabriel Soares de Sousa, Ambrósio Fernandes Brandão, Rocha Pita, Vicente do Salvador, Botelho de Oliveira, etc.

O primeiro documento literário brasileiro - também chamado de certidão de nascimento do Brasil - é a "Carta de Pero Vaz de Caminha", obra narrativo-descritiva que contém as primeiras impressões de um europeu diante de uma terra e de uma gente diferente de tudo que ele havia visto até então. Pero Vaz de Caminha é o escrivão-mor da armada de Pedro Álvares Cabral e se incumbiu de relatar e caracterizar sem "afremosentar nem afeiar aja aqui de poer" ao rei de Portugal, Dom Manuel I, o Venturoso, na data de 1º de Maio de 1500. Dela, foram feitas muitas paródias, como a que se segue:

*"A terra é mui graciosa,
Tão fértil eu nunca vi.
A gente vai passear,
No chão espeta um caniço,
No dia seguinte nasce
Bengala de castão de oiro.
Tem goiabas, melancias,
Banana que nem chuchu.
Quanto aos bichos, tem-nos muitos,
De plumagens mui vistosas.
Tem macaco até demais
Diamantes têm à vontade,
Esmeralda é para os trouxas.
Reforçai, Senhor, a arca,
Cruzados não faltarão,
Vossa perna encanareis,
Salvo o devido respeito.
Ficarei muito saudoso
Se for embora daqui."*

("A Carta de Pero Vaz", Murilo Mendes)

Sátiras à parte, veremos a seguir exemplos de trechos originais da "Carta" de Caminha e de outros documentos, acompanhados de uma análise das informações neles veiculadas.

3. Tipos de informações contidas nos textos do Quinhentismo Literário Brasileiro

3.1. INFORMAÇÕES GEOGRÁFICAS: TRECHO 1

"De ponta a ponta (a terra) é toda plana, muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu do mar muito grande porque ao estender os olhos não podíamos ver senão a terra e arvoredos que nos pareciam muito longe... a região em si é de muitos bons ares, assim frios e temperados como os de entre Douro e Minho... Águas são muitas, infindas na terra de tal maneira graciosa que se a quisermos aproveitar dar-se-á tudo pelas águas que tem..." (4)

3.2. INFORMAÇÕES SOBRE A FLORA: TRECHO 2

"Quero passar a tratar do pomar prometido, do qual o primeiro fruto quero que seja os figos, porque sempre fui muito afeiçoado a eles, os quais se dão em tanta quantidade, que os monturos estão abastecidos de semelhantes figueiras que leva duas vezes fruto no ano, carregam-no em tanta quantidade, que causa espanto. Façamos logo uma rua de romeiras com seus coroados frutos, que encerra dentro em si finíssimos rubis, as quais

se produzem grandemente nesta terra. Far-lhe-ão companhia retorcidos marmeleiros com seus cheirosos e dourados pomos..." (5)

TRECHO 3

"Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros, carvalhos, vinháticos, angelins e outras não conhecidas em Espanha, de madeiras fortíssimas para se poderem fazer delas fortíssimos galeões e, o que mais é, que da casca de algumas se tira a estopa para se calafetarem e fazerem cordas para enxárcia e amarras, do que tudo se aproveitam os que querem fazer navios, e se pudera aproveitar el-rei se cá os mandar fazer." (6)

3.3. INFORMAÇÕES SOBRE A FAUNA

TRECHO 4

"Além das aves que se criam em casa: galinhas, patos, pombos e perus, há no Brasil muitas galinhas bravas pelos matís, patos nas lagoas, pombas bravas e umas aves chamadas jacus, que na feição e grandeza são quase como perus. Há perdizes e rolas, mas as perdizes têm alguma diferença das de Portugal" (7)

TRECHO 5

"Acharam alguns camarões grossos e curtos, entre os quais vinha um muito grande e grosso, que nunca tinha visto igual." (8)

3.4. INFORMAÇÕES SOBRE O HABITANTE (ÍNDIO)

TRECHO 6

"A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beiços de baixo furados e metido neles seus ossos brancos e verdadeiros, do comprimento de uma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beiço; e a parte que lhes fica entre o beiço e os dentes é feita como o roque de xadrez, ali encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer ou no beber.

Os cabelos seus são corredios. E andam tosquiados, de tosquia alta, mais que de sobrepenete, de boa grandura e rapados até por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte e fonte para detrás, uma espécie de cabeleira de penas de aves amarelas, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena e pena, com uma confeição branda como cera (mas não o era), de maneira que a cabeleira ficava mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia minguia mais lavagem para o levantar.

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, bem vestido, com um colar de ouro mui grande ao pescoço, e aos pés uma alcatifa por estrado. Sancho de Tavor, Simão de Miranda, Nicolau Coelho, Aires Correia, e nós outros que aqui na nau com eles vamos, sentados no chão, pela alcatifa. Acenderam-se tochas. Entraram. Mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar com o Capitão nem a ninguém. Porém um deles pôs olho no colar do Capitão, e começou a acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata."(9)

TRECHO 7

"Ali ficamos um pedaço, bebendo e folgando, ao longo dela, entre esse arvoredado que é tanto, tamanho, tão basto e de tantas plumagens, que homens não as podem contar. Há entre ele muitas palmas, de que colhemos muitos e bons palmitos.

Quando saímos do batel, disse o Capitão que seria bom irmos direto à Cruz, que estava encostada à uma árvore, junto com o rio, para se erguer amanhã, que é sexta-feira, e que nos puséssemos todos de joelhos e a beijássemos para eles verem o acatamento que lhe tínhamos. E assim fizemos. A esses dez ou doze que aí estavam acenaram-lhes que fizessem assim, e foram logo beijá-la.

Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença.

E portanto, se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar. E pois Nosso Senhor, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa." (10)

TRECHO 8

"Esses homens comem inhame que aqui há muito e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores de si lançam, e com isso eles andam tão rijos e tão fortes mais do que nós que comemos trigo e legumes." (11)

TRECHO 9

"E a primeira coisa que (os moradores) pretendem adquirir são escravos para lhes fazerem suas fazendas, e se uma pessoa chega na terra a alcançar dois pares, ou meia dúzia deles (ainda que outra coisa não tenha de seu), logo tem remédio para poder honradamente sustentar a família: porque um lhe pesca, outro lhe caça, os outros lhe cultivam e granjeiam suas terras e desta maneira não fazem despesa..." (12)

- ANÁLISE DOS TRECHOS INFORMATIVOS

No trecho 1, há informações a respeito da extensão geográfica, do clima e do tipo de solo da terra recém descoberta: muito grande (já que os olhos do emissor não a podem alcançar), plana, chã, formosa, de bons ares, graciosa e **FÉRTIL**. Nas poucas linhas do trecho, podemos encontrar 8 (oito) intensificadores dessas características.

No trecho 2, podemos confirmar as impressões de Pero Vaz de Caminha a respeito da fertilidade da terra (trecho 1), já que o trecho fala da **grande QUANTIDADE** de frutas que existem no Brasil: os figos, que dão duas vezes ao ano em tal quantidade "que causa espanto", as romãs repletas de RUBIS no seu interior e os marmelos que chegam a retorcer os marmeleiros tamanha a quantidade de pomos cor de OURO e cheirosos. A quantidade - e a qualidade - das frutas também são intensificadas: o trecho apresenta 4 (quatro) intensificadores.

No trecho 3, Frei Vicente do Salvador caracteriza as **GRANDÍSSIMAS** e **FORTÍSSIMAS** árvores agrestes brasileiras, também em grande quantidade, ideais para a construção de **NAVIOS** igualmente **FORTÍSSIMOS**.

No trecho 4, destaca-se a grande quantidade de **AVES** e, no 5, de **CAMARÕES**, sendo que um deles é tão grande e grosso que o emissor "nunca tinha visto igual" àquele. No pequeno trecho há 3 (três) intensificadores.

Notamos, nos trechos até aqui considerados, a preocupação que o emissor tem em precisar ao receptor (REI) determinadas características de certos referentes, comparando-os a algo que o receptor conhece para dar a ele uma idéia exata (uma fotografia com palavras) desses referentes:

- a) o clima frio e temperado do Brasil: **como** os de entre Douro e Minho;
- b) as romãs: frutos coroados que encerram dentro de si (**como**) finíssimos rubis (comparação metafórica);
- c) os marmeleiros (**como** de ouro) : dourados (também uma comparação metafórica);
- d) jacus: grandes **como** perus;
- e) ossos (atravessados na boca dos índios): **como** do comprimento de uma mão travessa;
agudos **como** um furador; grossos **como** um fuso;
feitos **como** um roque de xadrez.
- f) camarão: INCOMPARÁVEL.

A presença de muitos intensificadores indicam a idéia de **abundância** de produtos naturais que há na terra recém descoberta, recurso utilizado pelo emissor para INFORMAR e ao mesmo tempo **mostrar** ao receptor todas **as vantagens materiais** que o "achamento" do Brasil pode trazer a Portugal: a fertilidade, a extensão e o clima da terra e a conseqüente **expansão agrícola** (riquezas naturais); a grande quantidade e qualidade das árvores e a conseqüente **expansão da indústria naval**, tão importante na continuidade das viagens ultramarinas; a grande quantidade e qualidade das frutas (comparadas, para atrair o rei, às pedras preciosas (rubis) e ao ouro (dourados): elas têm até coroa, como o rei!), dos palmitos (trecho 7), dos inhames (trecho 8), das aves e dos camarões para a **expansão do comércio** de alimentos; a insinuação que soa quase como certeza da existência de ouro e prata (riquezas minerais, citadas no trecho 6) e a conseqüente elevação de Portugal à **POTÊNCIA ECONÔMICA**.

Se o rei havia se zangado por causa da "mudança de rota" que resultou no descobrimento do Brasil e no adiamento da viagem às Índias, tais documentos informativos contém argumentos mais do que suficientes para transformar a zanga em satisfação. Além do mais, como esclarece Caminha em sua "Carta", o Brasil serviria a partir de então de escala, de "posto de abastecimento" das armadas que viajassem às Índias .

As melhores notícias, porém, ainda não foram comentadas: aquelas que se referem ao habitante natural do Brasil (aquele que, por conseguinte e por direito, era o "dono" da terra e das riquezas) - ao **ÍNDIO**, a respeito do qual Pero Vaz de Caminha ocupa a maioria das páginas da sua "Carta".

No trecho 6, por exemplo, Caminha caracteriza minuciosamente o índio ao rei de Portugal: são pardos quase avermelhados, têm bons rostos e narizes bem feitos, andam nus; têm os beiços furados por onde passam ossos brancos; têm cabelos corredios, tosqueados e raspados até em cima da orelha; usam **como** uma cabeleira de penas na cabeça (cocar); **são INOCENTES**. Neste trecho, além de intensificadores das características

indígenas (em número de 6) é freqüente o uso do adjetivo **BOM** no decorrer do texto.

No trecho 7, a **bondade** e a **inocência** do **índio** são ainda mais ressaltadas: "gente de TAL inocência", "gente BOA e de BOA SIMPLICIDADE", "BONS corpos e BONS rostos, como a BONS homens". Além de bons, inocentes, simples, esses índios são OBEDIENTES: "acenaram-lhes que fizessem assim, e foram logo beijá-la (a Cruz)" e "não entendem nenhuma crença". Bons, inocentes, simples, obedientes e sem crença: características de um CRISTÃO em potencial, na opinião de Caminha: "seriam logo cristãos"(verbo no futuro do pretérito, indicando possibilidade), o que mais adiante é dito como uma certeza através do uso do verbo no futuro do presente: "hão de fazer cristãos e crer em nossa fé".

Mais do que a fé cristã, Caminha demonstra acreditar que com tais características **o índio aceitará passiva e pacificamente tudo que lhe for imposto**: "E imprimir-se-á ligeiramente neles **QUALQUER CUNHO QUE LHES QUISEREM DAR**"

No trecho 8, mais uma característica "importante" do índio é destacada: a superioridade da sua constituição física ("tão rijos e tão fortes, mais do que nós"). A docilidade de caráter aliada à fortaleza física do índio, segundo o ponto de vista de Caminha, sugerem ao rei de Portugal a garantia da posse e do aproveitamento da terra (das suas abundantes riquezas) e do próprio índio: afinal, no sistema capitalista, a mão de obra humana é uma mercadoria e, portanto, uma riqueza; no caso da mão de obra indígena é uma riqueza interessante, já que **gratuita**.

De cristão a escravo seria um passo. De possuidor a possuído, também...

Se levarmos em consideração o que nos conta a História, parece que Dom Manuel ficou tão convencido de TUDO que foi informado na "Carta" de Caminha e nos demais documentos da época, que só dois meses depois da volta de Pedro Álvares Cabral a Lisboa (agosto de 1501, vindo das Índias) o mesmo Dom Manuel escreve aos reis espanhóis citando e comentando superficialmente o "achamento" do Brasil, sem revelar a eles todas as informações que detinha a respeito do "achado", "para não despertar cobiça dos reis espanhóis".

No trecho 9, podemos perceber pelas informações de Pero Magalhães Gândavo que a "sugestão" dada por Caminha ao rei em relação ao índio começava a ser posta em prática: os portugueses estavam tomando posse da terra e do trabalho do índio, na tentativa de transformá-lo em escravo: "**porque um lhe pesca, outro lhe caça, os outros lhes cultivam e granjeiam suas terras e desta maneira não fazem despesa**". A colonização já é uma realidade.

4. Literatura Informativa. Informativa?

*"Quando o português chegou
Debaixo duma bruta chuva
Vestiu o índio*

Que pena !

Fosse uma manhã de sol

O índio tinha despido

O português"

("Erro de Português", Oswald de Andrade)

4.1. O ato de informar:

Na sua relação com o mundo, as imagens do real captadas pelo homem através dos seus sentidos valem, na sua inteligência, por esse real. Essa imagem, produto da relação homem-mundo, vale sem ser: é um **signo**. O homem conhece o mundo na medida em que o **signi-faz** para si.

Quando o homem quer transmitir (informar) o que sabe sobre o mundo (o mundo signi-feito para si, sua "visão de mundo"), ele se utiliza de um conjunto de signos capazes de "materializar" o que deseja informar aos outros. Todo e qualquer sistema de signos que possibilite ao homem a transmissão de seus conhecimentos, dos seus desejos, das suas experiências, etc. - da sua visão de mundo - é LINGUAGEM. A Língua (oral e/ou escrita) é um tipo de linguagem (linguagem verbal), é um meio de comunicação (de informação).

A Lingüística pós Saussure tem focalizado a linguagem verbal - a Língua - como **atividade** e não somente como meio de comunicação: segundo seus estudos, quando, numa situação de comunicação, alguém (emissor) se apropria da linguagem não pretende apenas informar, mas também **fazer** com que o outro (receptor) compartilhe com ele tais informações ou até obter dele determinados comportamentos - uma **reação**:

"Quando um enunciador comunica alguma coisa, tem em vista agir no mundo. Ao exercer seu fazer informativo, produz um sentido com a finalidade de influir sobre os outros. Deseja que o enunciatário creia no que lhe diz, faça alguma coisa, mude de comportamento, de opinião, etc. Ao comunicar, age no sentido de fazer-fazer. Entretanto, mesmo que não pretenda que o destinatário aja, ao fazê-lo saber alguma coisa, realiza uma ação, pois torna o outro detentor de um saber."(13)

Mais do que informar, portanto, o emissor deseja impor ao receptor sua visão de mundo, convencê-lo, influenciá-lo, persuadi-lo com seu dizer. Assim, o discurso é sempre uma ação dotada de intencionalidade: ninguém diz nada à toa!

Dessa forma, quando alguém diz algo, não basta entender o que foi dito, mas também porque o que foi dito, foi dito. Para tanto, é preciso observar sempre todas as circunstâncias que envolvem esse dizer: o tipo de cultura a que pertencem emissor e receptor, os estados psíquicos e emocionais dos mesmos, o momento, o lugar, enfim, em que **contexto** se realiza a comunicação. Texto e contexto se complementam e dão pistas da intenção, da ideologia que subjaz numa mensagem.

O ato de informar, portanto, não é o único, nem tão pouco o ato mais importante da e na linguagem.

4.2. Relacionando tais postulados com os documentos informativos analisados:

Observando o conteúdo dos trechos dos documentos informativos transcritos e analisados neste trabalho e as circunstâncias da sua enunciação,

percebemos que os postulados do item anterior são pertinentes e cabem como uma luva a esse tipo de literatura.

Com base nos relatos da História, a chegada da armada de Cabral foi um "acidente de percurso" que provavelmente desagradou o rei de Portugal, já que tal acidente ocasionou um atraso na viagem dos portugueses às Índias em busca de mercadorias valiosas para o comércio português. É preciso, então, que o rei saiba de duas coisas: que os navegantes liderados por Cabral não tiveram culpa do ocorrido e que "os ventos" os levaram a uma terra desconhecida, mas extremamente rica, um "achamento" que traria também vantagens econômicas a Portugal tanto quanto as que obteriam se tivessem ido às Índias.

A terra e seu habitante natural são vistos com "olhos de europeu": sob o seu ponto de vista, ou, sob o ponto de vista de alguém que vive num lugar bem diferente e que tem uma cultura igualmente diferente, essa terra é signi-feita como um lugar belo, grande, abundante em riquezas (olhos de quem vive num sistema capitalista) e seu habitante, porque anda nu - coisa natural para o índio, mas um absurdo para o europeu que sequer relaciona essa nudez ao clima da terra recém descoberta - sem cobrir "suas vergonhas" (sinônimo de "seu sexo", sob o prisma da cultura européia), o que leva o português a concluir a nudez do índio como índice de sua **inocência** (trecho 6).

Acostumados às glórias, às façanhas, às vitórias e, conseqüentemente, ao poder, os navegantes portugueses estabelecem o primeiro contato com os índios desempenhando o papel de dominadores, tendo a certeza de que os índios fariam muito bem o de dominados:

"Nicolau Coelho lhes fez sinal que pusessem os arcos para baixo e eles puseram."(14)

Essa primeira ação e reação é interpretada pelos portugueses como indício de **obediência**, característica que posteriormente será confirmada em outras situações, como a citada no trecho 7, em que os portugueses fazem sinal para que os índios beijem a cruz e eles a beijam.

A idéia de que os índios são inocentes e obedientes é tão certa para os portugueses que eles não tardam a iniciar o processo de "vestir o índio", quer dizer, impor a cultura, dando a eles presentes do tipo "um barrete vermelho, uma carapuça de linho, um sombreiro preto". Depois: espelhos, linho, seda, rosários! Outra idéia: os índios são virtuais cristãos e escravos, pois fariam tudo que lhes fossem imposto.

5. Conclusão:

As imagens da terra e do índio signi-feitas pelos primeiros portugueses são reproduzidas na "Carta" de Pero Vaz de Caminha enviada ao rei de Portugal, Dom Manuel, o Venturoso. O objetivo principal da "Carta" de Caminha e dos outros documentos informativos aqui citados *parecem* ser sempre o mesmo: informar a respeito da terra e do índio, segundo o que viu e captou o emissor.

Não obstante, a maneira como esses documentos são elaborados - os intensificadores e adjetivos qualificativos em grande quantidade, os argumentos utilizados pelo emissor, etc. - e as circunstâncias que envolvem o descobrimento do Brasil - a provável zanga do rei pelas "perdas" que o "achamento" provocou, por exemplo - levam-nos a concluir que o emissor dessas mensagens pretendem fazer com que:

- a) o receptor creia nessas informações (elas soam como verdadeiras);
- b) o receptor decodifique a mesma imagem da terra e do índio codificada pelo emissor, para que ele saiba que, ao contrário de perdas, o "achamento" vai trazer ainda mais riquezas a Portugal;
- c) o receptor fique satisfeitiíssimo com a descoberta e mande à nova colônia exploradores das riquezas citadas e jesuítas para a catequese dos índios: que tome posse daquilo que é de Portugal!

Observando as últimas linhas da "Carta" de Caminha, encontramos explícitas uma das intenções do escrivão ao dar ao rei informações tão excelentes como as dadas no decorrer da sua mensagem: Caminha, em troca do favor que acabou de fazer ao rei, deseja a libertação de seu genro que está preso na Ilha de São Tomé:

"Senhor, esteja certo de que neste cargo como em qualquer outro serviço a Vossa Alteza, há de ser sempre por mim muito bem servido, por isso peço um singular favor: que mande vir da Ilha de São Tomé, Jorge Dosoiro, meu genro, o que receberei com muita alegria. Beijo as mãos de Vossa Alteza."(15)

Caminha, por conseguinte, não informou nada à toa e, mais do que Informativa, essa Literatura é, **SIM, PERSUASIVA!**

Parece que os argumentos e os recursos lingüísticos usados pelos "informantes" foram convincentes, pois o Brasil, a partir de então, passa a ser colonizado pelos portugueses que daqui retiraram as abundantes riquezas.

As informações sobre os índios, porém, logo começam a ser negadas na prática, desde o início da catequese, pois, ao contrário do que Caminha pensava e "via", o índio tinha sua crença e não se submetia a trabalhos forçados, àqueles que não tinham como fim sua subsistência. Se um dia, portanto, os índios foram escravizados, isso não ocorreu sem resistência. Observe o trecho a seguir, de uma carta do padre Anchieta aos seus superiores da Europa:

"Há poucas cousas dignas de escrever, que não sei que escreva, porque se escrever a vossa paternidade que haja muitos dos brasis convertidos, enganar-se-á a sua esperança, porque os adultos a quem os maus costumes de seus pais têm convertido em natureza, cerram os ouvidos para não ouvir a palavra da salvação e converter-se ao verdadeiro culto de Deus, não obstante que continuamente trabalhamos pelos trazer à Fé."(16)

Os enganos cometidos em relação aos índios parecem que foram muitos nesses quase 500 anos, pois o habitante natural do Brasil está quase em extinção, como as outras riquezas naturais tão abundantes no momento da sua descoberta. Poucos são os sobreviventes, os que mantém algum vestígio da sua cultura; desses, não são raros os que lamentam ter aceito os presentes dados naquele dia de abril de 1500, pois ficaram "mal vestidos"!

***"Quem me dera, ao menos uma vez,
Ter de volta todo ouro que entreguei a quem
conseguiu me convencer que era prova de amizade
Se alguém levasse embora até o que eu não tinha.***

***Quem me dera, ao menos uma vez,
Esquecer que acreditei que era por brincadeira***

*Que se cortava sempre um pano de chão
De linho nobre e pura seda.*

*Quem me dera, ao menos uma vez,
Explicar o que ninguém consegue entender:
Que o que aconteceu ainda está por vir
E o futuro não é mais como era antigamente.*

*Quem me dera, ao menos uma vez,
Provar que quem tem mais do que precisa ter
Quase sempre se convence que não tem o bastante
E fala demais, por não ter nada a dizer.*

*Quem me dera, ao menos uma vez,
Que o mais simples fosse visto como o mais importante,
Mas nos deram espelhos
E vimos um mundo doente.*

*Quem me dera, ao menos uma vez,
Entender como um só Deus ao mesmo tempo é três
E esse mesmo Deus foi morto por vocês
É só maldade então, deixar um Deus tão triste.*

*Eu quis o perigo e até sangrei sozinho.
Entenda - assim pude trazer você de volta para mim,
Quando descobri que é sempre só você
Que me entende do início ao fim
É só você que tem a cura para o meu vício
De insistir nessa saudade que eu sinto
De tudo que eu ainda não vi.*

*Quem me dera, ao menos uma vez,
Acreditar por um instante em tudo que existe
e acreditar que o mundo é perfeito
e que todas as pessoas são felizes.*

*Quem me dera, ao menos uma vez,
Fazer com que o mundo saiba que seu nome
Está em tudo e mesmo assim
Ninguém lhe diz ao menos obrigado.*

*Quem me dera, ao menos uma vez,
Como a mais bela tribo,
dos mais belos índios,
não ser atacado por ser inocente.*

Eu quis o perigo...

*Nos deram espelhos
E vimos um mundo doente.
Tentei chorar
E não consegui..."
("Índios", Renato Russo)*

Talvez, se analisados com mais detalhes, esses e outros documentos informativos deem novas pistas do que deu errado em nosso país, em que se enganaram aqueles que descobriram um "Éden" que resultou num "Brasil".

Você, leitor, continua achando que a Literatura Informativa merece meia página de um livro de Literatura?

BIBLIOGRAFIA:

- (1) BOSI, Alfredo. ***História Concisa da Literatura Brasileira***. 51ª edição, São Paulo: Cultrix, 2017 - p. 5
 - (2) FIGUEIREDO, Fidelino de - ***Características da Literatura Portuguesa***. Lisboa: Livraria Clássica, 1923 - p.13
 - (3) ROMERO, Sílvio. ***História da Literatura Brasileira*** . 5a. edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 2001 - 1º. volume
 - (4) CAMINHA, Pero Vaz de. ***Carta***. 2a. edição, Rio de Janeiro: Agir, 1977 - pp. 109/110
 - (5) LAJOLO, Marisa et alii. ***Caminhos da Linguagem***. São Paulo, Ática, 1977 - p.110 (volume 1)
 - (6) SALVADOR, Vicente do (Frei). "História do Brasil" apud CÂNDIDO, Antônio & CASTELLO, J. Aderaldo. ***Presença da Literatura Brasileira***. 2a. edição, São Paulo: DIFEL, 1985 - pp. 31/32
 - (7) LAJOLO, Marisa - op. cit. - p.110
 - (8) CAMINHA, Pero Vaz de - op. cit. - p. 95
 - (9) CAMINHA, Pero Vaz de - op. cit. - p. 88/89
 - (10) CAMINHA, Pero Vaz de - op. cit. - p. 105/106
 - (11) CAMINHA, Pero Vaz de - op. cit. - p. 106
 - (12) GÂNDAVO , Pero Magalhães. "Tratado da Terra do Brasil" apud BOSI, Alfredo - op. cit. - p. 69
 - (13) FIORIN, José Luiz. ***Linguagem e Ideologia***. 6a. ed. São Paulo: Ática, 1998 - p. 76
 - (14) CAMINHA, Pero Vaz de - op. cit. - p. 87
 - (15) CAMINHA. Pero Vaz de - op. cit. - p. 110
 - (16) MEGALE, Heitor & MATSUOKA, Marilena. ***Literatura e Linguagem***. 6a. edição, São Paulo: Nacional, 1980 - p. 195.
- BELOTO, Rosa Maria M. ***Literatura Informativa. Informativa ?*** . "Revista Tema"- nos. 24 e 25 - p. 80 - 1995
(Pesquisa realizada em 1995, revisada e ampliada em 2023).